



JOÃO CHAGAS—Presidente do Conselho de Ministros da Republica Portuguesa (*Cliché Vasques*)

N.º 290 Lisboa, 11 de Setembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

Anno, 48800—Semestre, 28400—Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



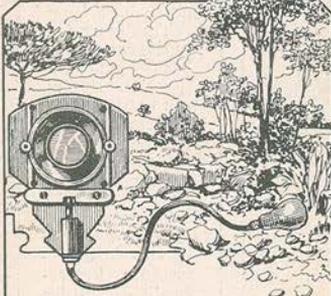
Um dos mais importantes estabelecimentos industriaes do mundo:

**A fabrica BAYER (Leverkusen) onde é preparada
a tão conhecida**

SOMATOSE LIQUIDA

Sem duvida alguma o melhor de todos os reconstituintes

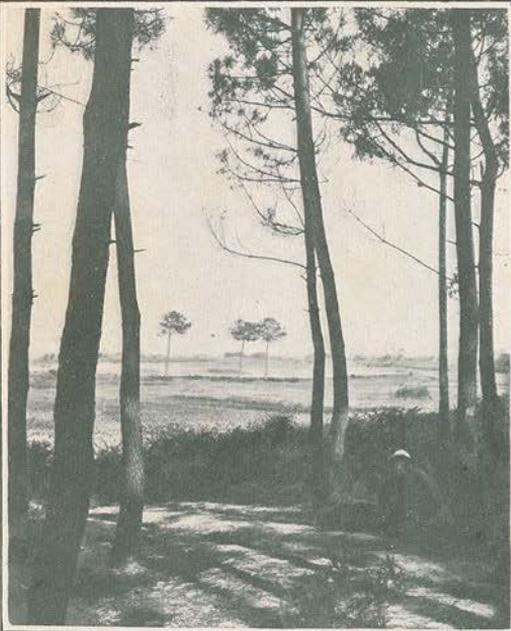
A ARVORE NA PAYSAGEM



Começa o outomno; o lavrador poz em descanso a foice reluzente com que durante dias a fio andou ceifando a opulenta seara.

A terra foi prodiga: deu-lhe cereal em abundancia, compensando-lhe assim todas as canceiras da sua faina agricola.

Sorri-se o lavrador!... E de olhos sempre scismadores, pousados n'um recanto da fazenda, deixa surprehender-lhe no seu sorriso, um ar de tal enlevo que bem me parece uma cari-



1—Começo de Outomno
2—Lavando e namorando

cia com que elle afaga, e ao mesmo tempo abençoã, toda aquella leira de terra, que lhe transformou em ouro uns bagos de milho, uns grãos de trigo...

Depois ergue mais a vista, demora-a por algum tempo sobre a eira, e fica-se embevecido na contemplação d'umas azas brancas de moinho, a voltarem-se, preguiçosas, sob as caricias d'uma brisa fagueira.

Chega-lhe aos ouvidos a canção dolente das mós da sua azenha, triturando o grão, desfazendo-o n'uma poeira fina, semi-dourada, cahindo, a pouco e pouco, nos taleigos alvos...

Sorri-se o lavrador!... Terá pão durante o anno inteiro para dar aos filhos.

E é assim sob o encanto d'este prazer moral, que chegando o outomno, elle se en-



trêga sem preocupações, a umas horas de descanso.

Tambem a terra descansa; elle bem o sabe. Segue-lhe, assim, em tudo, a evolução da sua rustica natureza, comprehende-lhe a sua nevrrose.

E, se assim não fôsse, a terravingar-se-ia do lavrador; desprezar-lhe-hia todas as imposições de a fecundar em época impropria, não sensualisaria os germens de uma semente que lhe fôsse lançada, retardaria a elaboração creadora das raizes, atrophiaria o porte dos caules, a fórma das folhas.

(—Alamos germ'nados
2—A desolação de
uma payzagem sem
arvores



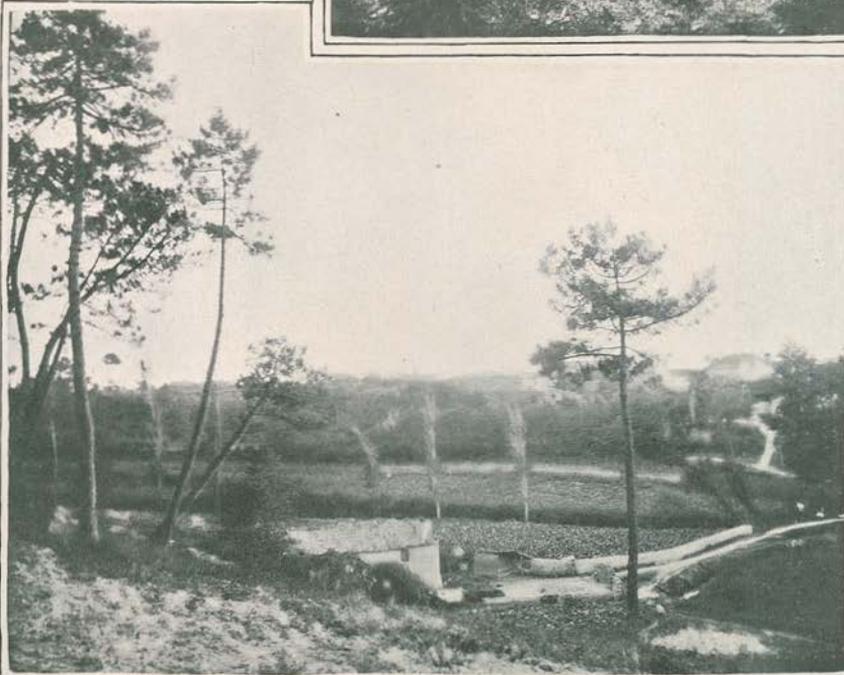
Iria até—eu sei!—á re-
vindicta de contaminar sei-
va impura a todas as flôres
que teimassem em desabro-
char, envenenando os fru-
ctos que d'ellas provies-
sem.

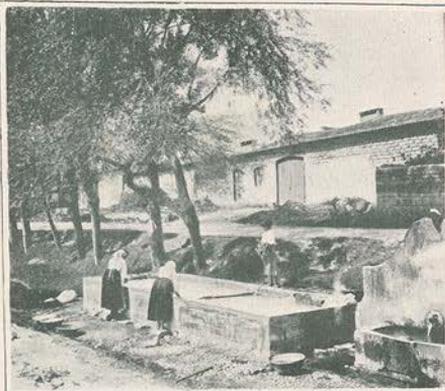
N'estes dias em que a
Terra se entrega ao bene-
ficio e valioso descanso que
a refaça, em parte, da erva
gasta, quando sobre o
campo recae um ar de que-
tação a contrastar com a
faina dos trabalhos da la-
voura, enleva-se o nosso
lavrador que lhe atravessam
a herdade, passeando-a.

E, n'uma ingenua franque-
za a envolver toda a sua
vida, ao dirigir-nos umas
boas tardes prosegue:

—«Os campos, agora,
nada teem que vêr... as
terras estão de luto... as
agras viúvas!...

1—Madrugada de Outomno
2—Uma eira





1—Sol do meio-dia
2—Colhendo amoras

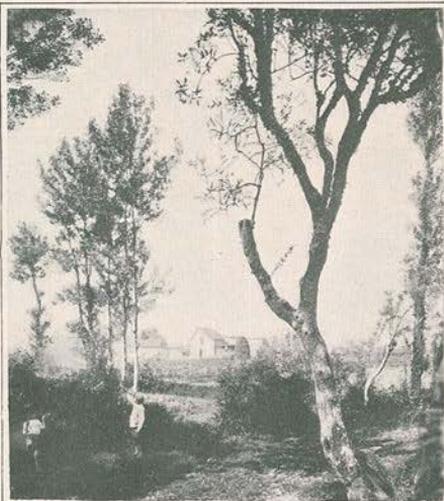
Um regalo para a vista, era passar por aqui, ahi em S. João, então, sim... bons trigos... bons milhos... uma fartura de pão!... Estava tudo que era um encanto, mas, n'este tempo, que belleza é a da Terra?!...

Só ha silvas carregadas de negras amoras, por esses vallados, a dar gulodice ás creanças, e canolo de

milho, rente do chão, a servir de pasto ás cabras e ás vaccas... Flôres, não as ha!...»

—«No campo ha sempre flôres.»

—Só se desviarmos a significação do termo para o seu sentido figurado, e então, repare, além, sob aquella moita de eucaliptos, na levada, encontraremos umas flôres na agua. E aquellas bem merecem a galantaria do nome, bellas raparigas, trabalhadoras como nenhuma, lindas como as estrellas... Eu que lhes perguntava, ha pouco, qual seria n'este tempo a belleza do campo, quando elle não floresce em milho nem em trigo, parecia-me esquecido das nos-



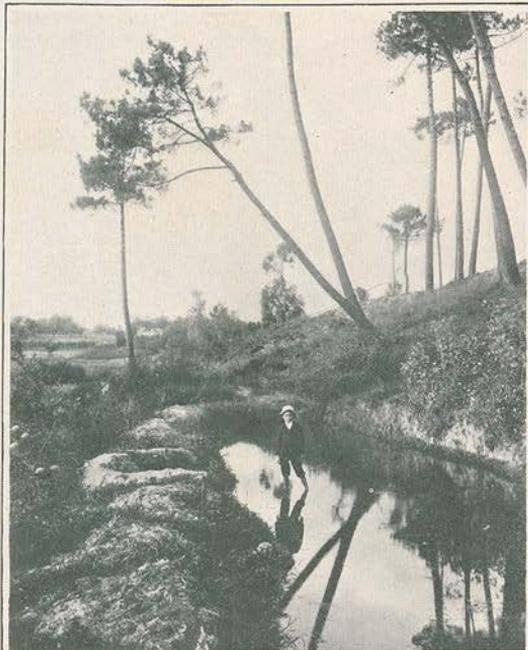
3—Vacca
pastando

sas mu-
lheres!...

Do u a
mão á pal-
matoria.
Ellas e as
arvores,
póde-se
dizer, são
a constan-
te belleza
dos nos-
sos cam-
pos.



1—Uma simples aldeia, com o seu largo assim arborizado de oliveiras não despertará ciúmes às praças sumptuosas d'algumas cidades onde as arvores se podem contar?
2—Na Veneza de Portugal: Pinheiros em viagem. Ainda aqui, embora morta, desfeita em pedaços, a arvore imprime ao assumpto um certo cunho de belleza



bre a superfície do globo a seiva purificadora de toda a energia humana, o verdadeiro halito da vida do homem.

Engrandeçamos, por isso, o nosso culto pelas arvores. Interpretemos a sua maneira de ser, e n'uma atracção para todas ellas, imitemol-as no seu entrelaçar de ramos, umas nas outras.

Entrelacemos no Bem e no Amor as nossas próprias vidas. Que um e outro sejam o arco iris que sobredoire o contorno das serras, os flancos das montanhas, a vastidão das planícies!

Que um e outro sejam os symbolos de uma arvore redemptora, cuja sombra se espalhe, n'uma benção de Paz, sobre todas as cidades, sobre todas as aldeias!

A. M. Lopes.

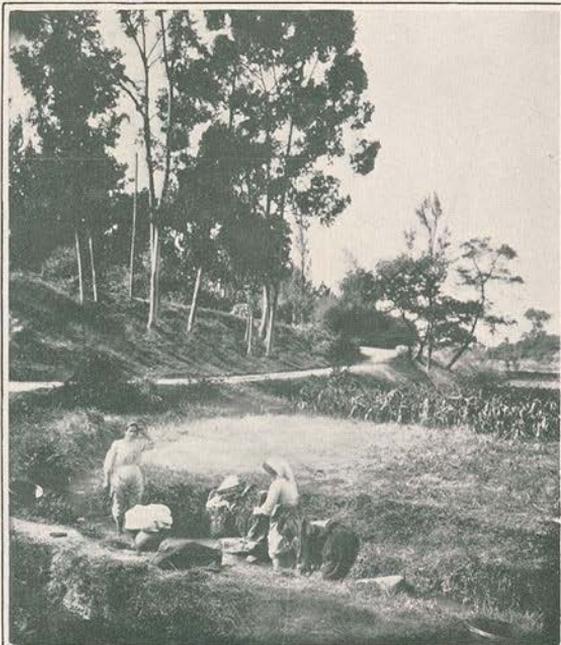
1—Pinheiros na agua
2—Flores na agua

(Clichés do auctor. SP. A. M. Lopes)



Tem razão o lavrador. A arvore é sempre bella. Ella propria parece comprehender que é formada de atomos de belleza, aneia por sua vez embelezar o ambiente que a rodeia, como a dizer-nos que a sua missão atravez da vida, o seu sonho constante, é dar e entregar á Natureza o que d'ella recebeu

Enfeita e perfuma, floresce e fructifica: e n'este resumo da sua biblica existencia, o ser vegetal faz recahir so-



A CRISE MINISTERIAL.

Ao cabo de varias conferencias entre o chefe do Estado, o sr. dr. Affonso Costa e varios membros do «blóco» foi chamado a organizar gabinete o sr. dr. Duarte Leite que declinou esse encargo accetando todavia a pasta das finanças no gabinete formado pelo sr. João Chagas que não hesitou em presidir ao primeiro ministerio do governo constituído da Republica.



1—O sr. dr. Duarte Leite, a uma meza do Martinho com o sr. dr. Brito Camacho, no regresso do palacio de Belem, depois de ter declinado a missão de constituir gabinete
2—O sr. João Chagas, ministro em Paris, acompanhando do sr. dr. Augusto de Vasconcellos ministro de Portugal em Madrid, dirigindo-se ao palacio de Belem, onde foi conferenciar com o presidente da Republica, que o incumbiu por sua vez de organizar o seu primeiro ministerio — (Lichès de Benoitte)

A HOMENAGEM DE CINTRA À MEMÓRIA DE LATINO COELHO

Na casa onde Latino Coelho falleceu em Cintra, em 29 d'agosto de 1891 foi agora collocada uma lapide, a fim de se comemorar o vigesimo anniversario da morte do grande democrata.

Cintra concorreu para essa commemoração com um cortejo e o ex-ministro dos estrangei-



1—O sr. dr. Bernardino Machado
à frente do cortejo
2—O batalhão voluntario de Cintra
3—O carro da pesca 4—O carro da Pena
5—O desfile dos alumnos das escolas
do concelho 6—O carro das ornamen-

tações; ao ser descerrada a lapide na fachada d'essa modesta casinha da rua Latino Coelho, fez um discurso onde evocou com brilho a memoria do illustre professor, historiador e academico.

Foi tambem inaugurada uma exposição de pomologia, horticultura, floricultura e productos do concelho que tiveram no cortejo os seus carros allegoricos, alguns d'un luso effeito e d'originaes ornametações.



O Primeiro Ministerio Constitucional da Republica

Enormes foram as difficuldades para a formação do primeiro ministerio da Republica constituída porque, dividida a Assembléa Nacional no grupo radical e no bloco, de fórma alguma se podia chegar a um governo viavel dentro d'um ou do outro grupo.

O presidente da Republica conferenciou tanto com o sr. dr. Affonso Costa, que está collocado á frente dos radicaes, como com o sr. Brito Camacho e outros membros do bloco sem chegar, todavia, a um accordo, mesmo depois do sr. dr. Duarte Leite, então indigitado presidente do conselho, o ter tentado. Os deputados radicaes, reunidos no theatro da rua dos Condes, deram o seu completo apoio ao ex-ministro da justiça, os independentes deliberaram apoiar o bloco e d'este modo, obtida a maioria parlamentar, se poudo organisar o governo sendo chamado



Um bilhete premiado... O presidente do conselho de ministros, sr. João Chagas, experimentando a sorte á loteria



1—Dr. Diogo Tavares de Mello Leotte
ministro da justiça 2—Dr. Duarte
Leite, ministro das finanças
3—Dr. João de Menezes, ministro
da marinha

4—O general Pimenta de Castro, ministro da guerra
5—O capitão Sidonio Paes, ministro do fomento
6—Dr. Celestino d'Almeida, ministro das colonias



para o constituir o sr. João Chagas ministro de Portugal em Paris.

Depois de varias conferencias na secretaria da presidencia da Republica, no palacio de Belem, appareceu o ministerio formado, havendo, todavia, duvidas ainda acerca das pastas da guerra e da justiça. Citaram-se varios nomes e entre elles os dos srs. major Alberto da Silveira, commandante da policia e Pereira Bastos, chefe do estado maior para a primeira e dr. Sousa Andrade para a segunda, sendo nomeados finalmente os srs. general Pimenta de Castro, major general do exercito e dr. Mello Leotte, procurador da Republica no Porto. Nas outras pastas ficaram os srs. dr. Duarte Leite na fazenda, João de Menezes na marinha, Celestino d'Almeida nas colonias, Sidonio Paes no fomento e Augusto de Vasconcellos nos estrangeiros, sendo o seu logar exercido interinamente pelo presidente do conselho emquanto foi a Madrid, onde era representante de Portugal, tratar d'algumas questões pendentes. De todos os membros do ministerio é o chefe do governo o unico que não tem o diploma d'um curso superior, o que vem demonstrar como na republica se quebram desde já as velhas praxes, collocando os cidadãos segundo os seus meritos. E' em Portugal o primeiro presidente do conselho que não veio de uma escola superior, como Herculano, que foi o nosso primeiro historiador, como Oliveira Martins, o brilhante escriptor, como Camillo, o grandioso romancista.

João Chagas é o chronista brilhante do *Primeiro de Janeiro*, o jornalista politico de envergadura que dirigiu a *Marselheza*, romancista do *Alleluia* e do *Crime da Sociedade*, que foi um successo no seu tempo, o revolucionario que escreveu as suas memorias, como as de Rochefort, movimentadas e interessantes.

A politica do chefe do primeiro ministerio da Republica constituida vae ser de tendencias de união democratica com que pretende iniciar as reformas do paiz.

Na apresentação do ministerio no Senado foi-lhe dado todo o apoio incondicional pelos srs. dr. Antonio José d'Almeida, ex-ministro do interior e Brito Camacho, ex-ministro do fomento, tendo restricções o do sr. dr. Affonso Costa, ex-ministro da justiça.





FIGURAS E FACTOS



1—As creanças da Cantina de Alcantara que vão aos banhos a Algés



2—Sobre a ponte de Algés: as creanças de Alcantara, com a comissão parochial



3—Mestres de diversas lojas do Grande Oriente que conferenciaram no Monte Estoril com o seu grão-mestre dr. Magalhães Lima

O sr. dr. Magalhães Lima é o grão mestre da Maçonaria Portuguesa e foi proposto á presidencia da Republica retirando á ultima hora os seus amigos a sua candidatura, a fim de não prejudicar a do sr. dr. Manuel de Arriaga. Antes da sua partida para o estrangeiro reuniu-se n'uma demorada conferencia com o grupo de maçons que com elle se photographou.



Dois Dias em Trouville

Em Trouville-Deauville—O paraizo do duque de Morny, as suas villas e os seus jardins—Os projectos grandiosos—Um hotel caro—Os como o auctor, mettendo a mão na consciencia, se não achou nem cocotte nem jogador

Da gare ao caminho das *Planches*, que é a parte concorrida e nobre de Trouville, não ha muito que admirar. E' uma terra de provincia, de apparencia quasi modesta, com um ou outro traço que revela a qualidade da gente que a frequenta e a relativa proximidade de Paris. Para o outro lado fica Deauville; e ahí sim. Ahí, as villas succedem-se n'uma formosa *ter-*

rasse sobre o mar. A velha praia que o duque de Morny fundou para a vida elegante do segundo imperio cresce de anno para anno, em esplendor. Não ha logar na terra de mais requintada elegancia e em poucos a mão do homem haverá feito, dominando a natureza hostil, uma coisa tão bella como os jardins que, junto de cada vivenda, se admiram. De resto, é ainda bem de lá que vive hoje o que, em materia de elegancia, existe em Trouville, fóra do arrivismo mais ou menos comico da burguezia enriquecida e do janota de importancia.

Parece, porém, que os habitantes de Deauville não estão contentes com a construcção de um novo casino, cuja abertura se annuncia para 1912, ao pé das suas villas. Elles preferiam deixar a Trouville o bulicio mundano e ir lá a cada noite ouvir



1—A «cabine» da praia de Trouville
2—Na praia



opera ou jogar o baccará, regressando depois á placidez de sonho dos seus floridos terraços sobre o mar. As musicas dos tziganos ficariam longe, longe tambem o bulicio de um cosmopolitismo barulhento, longe as más visinhanças, os contactos suspeitos, as gentes sem rotulo

que ninguém sabe de onde veem e poucos podem prevêêr para onde irão; e, perto, a dois passos, acariciado pela lua no repouso das noites de agosto, límpidas e tranquiilas, apenas o mar, esse verde mar da Normandia que ao romper da manhã a nevoa envolve como se fossem subir ao céu os flocos da sua espuma.

Não obstante, esse casino construe-se, bem como um hotel normando, no feiço das casas tão características d'essa região, bem como um outro casino, esse em Trouville, e do qual tenho deante de mim o sumptuoso plano. Esse estabelecimento de prazer será o mais vasto do mundo inteiro, cobrindo, segundo o programma, uma superficie de cerca de 10:000 metros e comportando, nas suas installações, todas as commodidades e todo o luxo moderno. No rez-do-chão



- 1—Uma parisiense na praia
2—Adão e Eva no mar
3—Elegancia e acrobatismo...

haverá, ligados por uma galeria de mais de 60



metros, com vista sobre o mar, o salão de baile e de concertos, a sala de correspondencia e de leitura, um salão para senhoras, o jogo dos cavallinhos (permitted aqui, no logar da nossa conhecida roleta) e enfim o theatro, todo seculo XVIII, com uma scena apta á execução das obras mais completas de opera e de comedia. Nos outros andares serão além dos numerosos salões de baccará, uma cervejaria, um bar, um restaurante com *terrasse*, um Music-Hall, salões de reunião, um Cinematographo, um *Bowling*, jogos para crianças, e um Guignol. Anexo ao casino haverá um estabelecimento de hydrotherapia, que se chamará (e aqui a minha penna hesita)... que se chamará *Thalassotherapie*,—por que thalassa, como os senhores sabem, antes de querer dizer a outra coisa, já que-

Installado! — A hora do chá — «*Chez Topsy*» — As «*Planches*» A Rue de Paris — As elegancias — O Casino e o seu publico — O Baccará — Gente que se exhibe e gente que se arruina — O dr. Moreira Junior em villegiatura — A dama gorda que passeia um rajah

Por 25 francos, *tout compris*, n'outra locanda, não me alojaram mal. Era forçoso, de resto, resignar-se a gente n'uma terra de luxo, em vespera do Grand Prix. Deixei na escova do porteiro e na agua do lavatorio uma parte da poeira que trazia e sahi. Era a hora das *Planches* e do chá. O chá *chez Topsy*, é uma succursal dos chás parisienses, especialmente do de Rumpelmeyer, da rua de Rivoli, onde ha os melhores bolos do Universo e o serviço é feito por mulheres. Quanto ás *Planches*, são, como o seu



Em pose

ria dizer *mar*. Este anno, porém, o casino é ainda modesto, posto que tenha além das salas de jogo, um theatro onde vão representar, em turnos, os melhores artistas da capital. Por elle passo na tipico que me leva ao Hotel de Paris, que é enorme e tem um soberbo panorama deante das suas janellas numerosas. Vou em caminho de uma decepção. Chegado á porta da chic hospedaria cruzo com meia duzia de forasteiros, meus companheiros de comboio, que retiram com um ar indeciso e desolado. Intriga-me o caso, apuro o ouvido, e ouço então que os quartos, sem comida, estão n'aquelle paraiço, a 30 francos diários ou sejam, em luzos réis, cerca de 6 mil. Não entrei A' porta, um cavalheiro que não sei se era da casa dizia:—«Quem cá se quer são as cocottes e os jogadores».

Um rapido exame de consciencia fez-me convencer de que o meu logar não era ali.

nome mesmo indica, um caminho de taboas construido sobre a areia, junto á linha do casino, das villas e dos hotéis. E' n'esse caminho que termina a Rue de Paris, rua celebre, que tem de largo pouco mais que a nossa Calçada da Gloria, mas onde existem estabelecimentos luxuosos e onde, das 11 ao meio dia, as mais elegantes mulheres do mundo exhibem as meliores das suas *toilettes*. São os logares da moda, do snobismo, do bom-tom. Quem, de manhã, se sentar á esquina da Rue de Paris vê passar tudo quanto a moda creou de mais recente e de mais caro no vestuario da mulher. E' o sapato americano de pellica, de camurça, de verniz ou de velludo, com enormes fivellas, porvezes preciosas, as meias de seda em todas as côres, em todo o genero de desenhos, desde a espiquilha discreta ao arabesco rendado e fragil, são as *mousselines*, as *gazes*, as *broderies*, as *villages* lantejoulantes, as rendas caras, as *robes de linon*, os setins diaphanos



e, sobre tudo isso, os chapéus enormes com as suas *aigrettes*, que valem ouro, as plumas descommunes, ou as *coquettes bonniches* de renda, os feltros simples, os ricos guarda-sões em todos os feitios, guarnecidos de franjas, com barras de velludo, cobertos de *vieux point*. E' tudo quanto a arte tem feito para embellezar a mulher, que nós vemos deante de nós, n'um espectáculo estonteante que se não contemplou jámais sem emoção. Mulheres e mulheres passam, todas elegantes, todas bellas, porque já Stahl disse que «uma parisiense tem muita difficuldade em se decidir a ser absolutamente feia e é preciso que seja bem desageitada para o conseguir.»

Quem são essas mulheres? As portadoras dos melhores nomes de França e os manequins das melhores casas da capital, as represen-



tantes da mais autthetica nobreza e as filhas de *concierges* que a prodigalidade d'um amante millionario lançou para o mundo opulento da *cocotte* rica de Paris. E' a *de-mi-mundana* acotovelando a dama bem nascida; e o nosso olhar confundindo as duas, porque ambas trazem os mesmos trapos e ambas os sabem igualmente vestir.

Esse publico feminino, com o qual contrascenam o fidalgo argentario, o jogador, o aventureiro, o menino snob e o americano rico, encontrei-o, em parte nas *Planches*, n'essa mesma tarde da minha chegada e fui depois enconral-o todo, á noite, no Casino e, no dia immediato, na Rue de Paris e no Grand Prix.

O Casino, como de resto os outros d'aqui, divide-se em duas partes, cujos publicos raramente se confundem. Ha a sala de festas com

o apenso d'um restaurante, do salão dos cavalinhos e da *terrasse* e ha o *Cercle* onde se joga o bacará. Na primeira, o publico é menos elegante e a burguezia predomina com alguns exemplares exóticos, que dão ao quadro um aspecto bizarro de revista d'anno no palco das Folies-Bérgère.



Sae-se d'ali, como eu sahi, com uma sensação intensa de vertigem. Em baixo, homens e meninas dançam na *terrasse*. O nosso conhecido dr. Moreira Junior, sentado n'uma poltrona de verga, tem o beatifico ar de quem sonha. E, perto, uma matrona abundante e carregada



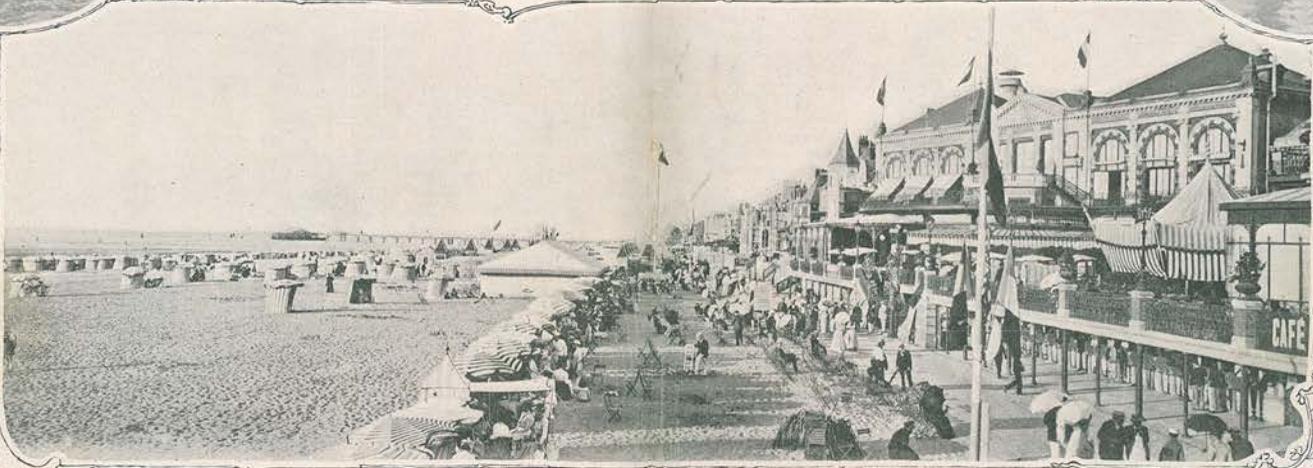
mentaria de maior luxo, os decotes, as joias e, desde as escadas e no atrio, os *manteaux* preciosos, em todas as côres, em todos os gostos, cobrindo todosos tipos de carnação feminina, escondendo as joias de todo o preço, abafando todos os perfumes...

As mezas de bacará estão sempre cheias; sobre o seu panno verde corre ouro a noite inteira; ha homens, de olhar em chamma, que desbaratam fortunas; ha mulheres que ficam n'uma noite sem dinheiro sequer para comer. Em certas mezas as paradas minimas são de 100, 200 e 500 francos. N'uma, a mais cara, reservada aos homens, vi eu um velho, de 80

anos talvez, fazendo banca e perdendo cerca de vinte contos nos dez minutos em que o estive olhando, com mão tremula, distribuir as suas cartas da bacará. Não sei se n'essa mesma noite se n'uma outra certa *actrisita* parisiense, sentada a uma meza, já de madrugada, tendo perdido tudo, vendeu o proprio chapéu que trazia a uma visinha para poder ainda jogar. E é tal a loucura, a embriaguez, a paixão, a sede de ouro allucitante de toda aquella gente que, se o observador galante poisa com mais demora o olhar sobre um collo nú, a *cocotte* que o exhibe encara-o, com um ar muito de enfado e de surpresa como se dissesse—*não é d'isso agora que se trata!*—E vae jogar.



No *Cercle*, entra-se apenas depois de ter feito uma documentada demonstração de identidade e de ter pago vinte francos, um loiro e lindo *louis*, ainda que seja uma só vez que lá se vá. Ahí, á noite, a *toilette de soirée* é de rigor; e já os senhores adivinham uma multidão de novos encantos de vestuario, a indu-



1, 2 e 3—A' hora do banho
4—A praia, o Casino e as *Planches*.

de preciosas joias, fala para um *rajah*, rapaz bonito, vestido a rigor, com seu bonet vermelho e sua tunica de seda branca, que ella traz consigo pelo mundo, como as outras, pelas ruas de Paris, trazem um cão.



1—A' esquina da Rue de Paris
(vendo-se no grupo duas portu-
guezas e um portuguez)
2—Timidez coquette
3—O passeio das Planches



A pequena flôr da Cruz Vermelha—Uma obra humanita-
ria—Vendedeiras nobres—O Grand Prix—500 mulheres re-
presentando uma despeza de 25 milhões—Uma grêve que
seria calamitosa

No domingo, no Grand Prix, um grupo de senhoras francezas, á semelhança do que outras teem feito em varios sitios de villegiatura e em Paris, venderam uma pequena flôr branca com uma cruz vermelha ao centro, em beneficio dos feridos de Marrocos. A flôr em breve apparece em todas as botteiras, sobre o peito de todos os vestidos, e a colheita foi n'esse dia collossal.

As vendeiras eram, entre outras, a marqueza de Ganay, a condessa F. de Gontant-Biron, a marqueza de Noailles, a princeza Murat, a princeza de Poix, a duqueza de Morny, a viscondessa René Vigier, a condessa de Viel-Castel, a baroneza Henri de Rothschild, a condessa Sampieri, a condessa



Marius de Gallifet, a viscondessa de La Tour du Pin, a marquesa de Chambrey e a condessa de Montgomery.

Quanto ao Grand Prix, elle foi, como sempre, o pretexto para a exhibição de *toilettes*. Na *pesage* havia cerca de quinhentas mulheres; e um jornal de Paris, lançando a conta a quanto de despeza aquella feminina multidão representava organisou este quadro edificante:

500 vestidos do custo médio de 1:000 francos....	500:000 frs.
500 chapéus de cerca de 150 francos.....	75:000 »
Roupa branca, colletes, sapatos, guarda-soes, meias, etc., a 500 francos	

lador aspecto offerceria n'esse momento o problema social!

A' hora do banho—A maré baixa—O «maillot» de seda—Um par modelo—A derradeira impressão—Assalto em fórma—A caminho do deserto—A chronica de Clement Vatel—Uma phrase final de contricção

Segunda-feira—o dia immediato ao do Grand Prix—ás onze da manhã, a maré estava baixa. E na maré baixa, ali, o Oceano foge para uma distancia quasi inverosimil. Dizia ha tempos um jornalista que nunca tinha visto o mar ir para tão longe como em Trouville. E' certo. E tanto que ha um serviço de *cabines* puxadas por cavallos, que vão levar os banhistas até á beira das ondas. Eu, como não tomei banho, fiz o trajecto a pé. Seduziu-



Em frente da objectiva

por mulher.....	250:000 »
40:000 francos de joias em cada uma.....	20 000:000 »
300 automoveis ao preço médio de 15:000 francos	45.00:000 »
	25.325:000 »

Vinte e cinco milhões! Cinco mil contos! E o calculo é feito por largo, O proprio jornal d'onde transcrevo reconhece que cada uma das elegantes que appareceu n'essa tarde na *pesage* de Deauville não levou, por certo, para aquelle dia de luxo apenas um só vestido e um só chapéu.

Imagine-se a calamidade que seria para o proletariado que se emprega nas industrias que trabalham para a *toilette* da mulher, se esse mundo millionario um dia tivesse tambem a velleidade de se pôr em grêve. Que novo e reve-

me de longe a silhueta de uma banhista modelada n'um fino *maillot*, que fazia o *nú esthetic*o n'um scenario lyrico de flocos de espuma, recortando por momentos o azul limpo do ceu.

Esse *maillot* de seda preta, como unica *toilette* para entrar na agua, usado aqui, não por todas, mas por uma grande parte das mulheres que tomam banho, escandalisaria o publico pudibundo e honesto das praias portuguezas. E não julguem que são apenas as *cocotes* que vestem esse *maillot*, ajustado, fino, indiscreto, revelador. Não N'esse mesmo dia, quando eu me aproximei do mar, sahia um casal das *cabines*. Ambos fizeram alguns passos, envolvidos nos seus longos e recatados *peignoirs*. Mas os curiosos foram-se aproximando, dois ou tres *photographos* que por ali andavam fizeram cerco e o panno ergueu-se ou, melhor dizendo, cahiu com as túnicas felpudas dos dois banhistas. E ali os vimos



1—Depois do banho (no grupo tres portuguezas e um portuguez)

então, — a elle, quasi só de tanga, typo de germano, feio, rubro e forte, e a ella, com uma magnifica e morena plastica metida como o recheio de um chouriço, n'um rudimentar fato de malha que lhe deixava á luz do sol metade dos seios e um palmo da coxa bem medido. Exhibiam-se ambos ao olhar perturbado dos machos curiosos. O marido encrava o publico e olhava



2—Uma parisien-se na pesagem de Deauville

depois a esposa e mais as suas bellas carnes com o ar triumphante de quem diz:— Bom, não é verdade? Pois tudo aquillo é meu. E ella sorria, impudica, ironica, trocista, como se quizesse responder:— E vão-lhe lá tirar isso da idéa! Eu julgo que esse par admiravel figura n'um dos instantaneos que acompanham este artigo da *Illustração*.

Com essa derradei-



1—Uma scena pouco vulgar em praias portuguezas... 2—A' hora do banho

ra impressão da praia elegante me vim embora. Paguei os meus dois dias de hotel e logo, como uma guarda de honra, eu vi formados no atrio d'essa pousada de médio catilismo, o porteiro, o *maitre d'hotel*, o *garçon* de meza, o *sommelier*, o *chasseur*, o *valet de chambre*, a *femme de chambre*, o *groom* do as-

censor, o cocheiro do omnibus e o homem das bagagens, todos esperando, perfilados e solemnes, o indispensavel *pour-boire*. Tive a tentação de os estrangular—mas eram 10. Espoliaram-me. E ao chegar á *gare* fatigado d'esses dois dias de elegancias, a custo encontrei no fundo da algeira o indispensavel *sou* para um jornal.

Era então ver-

dade que eu ia reentrar n'esse Paris aborrecido, monotono, deserto?

Atirei-me com enfado para um canto da carruagem e puz-me a lêr o *Martin*. Saltou-me aos olhos o final da chronica diaria de Clément Vautel.*Li:

«Não ha ninguem em Paris!? E' verdade: Guy, Gontran e Gaston estão em Trouville; mas eu encontrei hontem no *boulevard Saint-Michel*, o dr. Roux.»

E tive vergonha de mim.

Paris, agosto de 1911.

PAULO OSORIO.



Um Casamento Elegante

O casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Candida Campos Henriques de Almeida (Pinhel) gentil filha primogenita dos srs. condes de Pinhel, com o sr. dr. Ruy de Moura Coutinho de Almeida



1—Os noivos sahindo do templo
2—A noiva entrando para o templo com seu pae
o sr. conde de Pinhel



d'Eça, filho da ex.^{ma} sr.^a D. Joanna de Oliveira Queiroz de Moura Coutinho e do capitão de mar e guerra, sr. Vicente de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, foi um verdadeiro acontecimento mundano e como tal digno do especial registo nas paginas da *Illustração Portuguesa*.



3—A sala da «corbeille» no palacio Pinhel onde se vê os retratos dos noivos trabalho do sr. Penha e Costa



1—A «corbelle» dos noivos no palacio Pinhel
 2—Uma das salas de recepção no palacio do conde de Pinhel
 (Clichés de Benoitel)

O TORNEIO DE JOGOS ATHLETICOS EM PAÇO D'ARCOS



1—Lucta de tracção
2—Saltos em altura

Uma comissão de *sportmens* residentes em Paço d'Arcos levou a cabo uma festa desportiva que chamou ali muita concorrência.

O nosso publico vae-se habituando pouco a pouco a esse genero de diversões, procura-as, enche os recintos onde ellas se realisam admirando a força e o dextreza, en-



3—A' partida para a prova final de 100 metros



4—Equipe vencedora
5—A corrida de 1500 metros
(Clichés de Benoît)

altura, vara, extensão e largura assim*, como corridas de resistencia e velocidade no percurso de mil e quinhentos metros e de velocidade cem metros, distinguindo-se os grupos inglez e portuguez que tomaram parte nas festas as quaes continuarão com regatas, realisadas com elementos da colonia balnear.



thusiasmado-se pelos campeões, saudando-os, repetindo-lhes os nomes mostrando assim todo o interesse pelos seus trabalhos.

As provas prestadas diante do jury em Paço d'Arcos foram saltos de

A NOVA GRÊVE DOS FRAGATEIROS

As grêves estão na ordem do dia. São uma ameaça instintiva a estalar por toda a Europa. De quando em quando a França é abalada por uma d'ellas como por uma catastrophe, por uma guerra devastadora. Chegam a causar panico mas



- 1—A tropa guardando a beira do caes no Atterro.
- 2—As fragatas paralisadas com o seu carregamento.
- 3—As fragatas paradas deante dos armazens.
- 4—No Atterro: os grévistas e os soldados.

tos á tarefa estendidos olhando as aguas e os grandes barcos paralisados porque os seus musculosos braços se tinham paralisado; as tropas escoltando as grandes carroças atulhadas de viveres para que a cidade não sentisse a fome e de quando em quan-

raras vezes tanto como a ultima d'Inglaterra em que os carregadores dos caes se recusaram á minima concessão enquanto não satisfizessem as suas aspirações.

Viu-se então na beira dos caes todos esses homens musculosos, robustos afei-



do ainda um assalto em que havia lucta, em que havia clamores logo registados nos jornaes de toda a Europa. Aquella grêve ingleza pareceu desafiar outras e com effeito outras vieram n'uma grande solidariedade que só n'aquelles centros obreiros d'organisação perfeita se pôde estabelecer. A velha Inglaterra viu-se obri-





dores aproveitaram a ocasião para mais uma vez reivindicarem os seus direitos de ha muito affirmados e dentro em pouco estava paralyzado o movimento do rio e via-se tambem á beira d'agua como em Londres, os musculosos e robustos trabalhadores impedindo o desembarque das mercadorias, a sahida dos fardos de bordo dos grandes paquetes e dos simples cahiques

gada a mobilisar os seus soldados, e pôr nas ruas os seus regimentos em pé de guerra, a cercar as gares, a mandar a engenharia alimentar algumas das caldeiras das locomotivas que apesar de tudo não se puzeram em marcha.

Quem chegasse de repente a Londres e visse semelhante aparato bellico mal podia julgar



1—No caes de Desinfeccão Os tripulantes do vapor inglês «Nato» fazendo as operações de carga 2—Vigas de madeira que não irão tão cedo para as estancias 3—Uma patrulha de cavallaria vigiando junto ao posto de Desinfeccão 4—Nas muralhas do Aterro

de Cezimbra e de Setubal. São sempre assim esses momentos de solidariedade que se constataem de dia para dia mais

que alguns milhões d'homens sem uma arma obrigavam aquelles braços a sustentarem espadas, espingardas e bayonetas.

Entre nós tambem se declararam tres grèves. Uma, a dos corticeiros, teve a sua causa na prisão de alguns agitadores operarios accusados d'um acto de *sabotage* na fabrica do Caramujo; a outra, a dos fragateiros, nasceu tambem da prisão d'um camarada d'esses trabalhadores do Tejo. Os descarrega-





1—No Terreiro do Paço
2—Na Cruz da Pedra: a Guarda
Republicana protegendo
transportes

accentuadamente em Portugal. Um dia os jornaes noticiam o isolado conflito d'um trabalhador com seu patrão; depois a reunião da respectiva associação para analysar os motivos que assistem de lado a lado. Fazem-se as reclamações e não se chega a um accordo; logo na cida-



3—A Guarda Republicana no Terreiro do Trigo protegendo um carregamento de cereaes 4—As carroças de carvão escoltadas 5—No Terreiro do Paço carroças com carvão escoltadas por soldados de cavallaria 4

de se sente o rumor das suas anciedades. São as idas aos ministerios sollicitando justiça, como agora, são as vigilancias levadas ao ultimo extremo diante das aguas tranquillas, contendo o desembarque das fragatas alfo chetanas e de Ribatejo além. Depois surge um



va o caes de Domingos Antonio Martins & F.^{os}, no Beato quando viu que os moços d'um armazem de vinhos se dispunham a fazer a descarga dos barris que vinham n'uma fragata. Os homens foram intimados a não levar por diante a sua acção quando os barqueiros intervieram contra os descarregadores. D'um pulo os grévistas saltaram para a fragata, cortaram-lhe as amarras, fizeram-na seguir rio acima com a carga por entre os protestos dos



1—Uma prisão na rua do Commercio 2—O comandante da força e patrulha da Guarda Republicana no Aterro 3—O major Cabrita, dando instruções ao comandante do pelotão no Terreiro do Paço

moços e dos interessados n'aquelle descarreto. A policia chegava para prender os auctores da proeza e elles declaravam que só seguiram com a guarda republicana mas ao verem appoiximarse a patrulha saltaram com um magote de grévistas sobre os guardas policiaes. O conflicto travou-se; um dos

—Carroças com cervão guardadas pela cavallaria

conflicto sempre; nasce da colera accumulada, da rai-va insoffrada, dos dias pas-sados inactivamente a son-nhar com a satisfação dos seus desejos. N'esta grêve dos fragateiros houve tam-bem uma d'essas desor-dens que deu brado na cidade. Um grupo de descarregadores vigia-





1—Os vapores atracados ás muralhas e sem terem quem faça o transporte das mercadorias
2—O general Carvalho, comandante da 1.ª divisão, com os seus ajudantes em Santa Apolónia falando com o comandante da força de vigilância 3—A guarda Republicana seguindo carroças na rua de Santo Antonio da Sé

negociantes de carvão, a quem os descarregadores exigem um aumento de preço para cada sacca á descarregar tambem fizeram reclamações tendo sido empregados marinheiros para o transporte em barcos das mercadorias cuja descarga exigia urgencia.

civicos disparou a sua pistola e feriu um dos homens que avançava para elle de navalha em punho. Foi este um dos mais graves casos d'essa greve que sendo como a d'Inglaterra feita pelos descarregadores dos caes não reveste nem a linha de gravidade nem aspecto tão pittoresco como a de Londres. Por todos os modos se tentou debellar a união das classes maritimas no conflicto, mas já se deu esse movimento de solidariedade que é de veras para recuar. Já se procurou pôr em pratica varios meios para obstar a um tão grande predomínio d'essas classes na vida de porto de Lisboa d'um momento para outro paralyzado desde que aquelles braços se cruzem. Uma das cousas propostas foi a facilitação por parte do estado de os navios poderem atracar aos caes e d'este modo evitar que haja intermediarios entre elles e a terra. Os



(Clichés de Benoit)

OS BANHOS ÀS CREANÇAS POBRES NA TRAFARIA.



1—A caminho da Trafaria.
2—Antes do banho, na praia.
3—O banho.

As juntas de parochia de cidade deixaram de cumprir a sua missão official deante da regulamentação imposta pelo ex-ministro do interior ácerca das suas responsabilidades perante a lei





d'instrução primaria mas nem por isso prescindiram de, como sempre, ajudarem a enorme obra caritativa de socorro ás creanças pobres.

Desde ha annos que as commissões parochiaes, secundando a iniciativa do *Seculo*, arranjavam donativos para serem dados banhos aos pequenitos das varias freguezias de Lisboa; este anno a obra não afrouxou tambem e os pequenos teem ido ás



1—A barraca 2—No banho
3—A distribuição do almoço

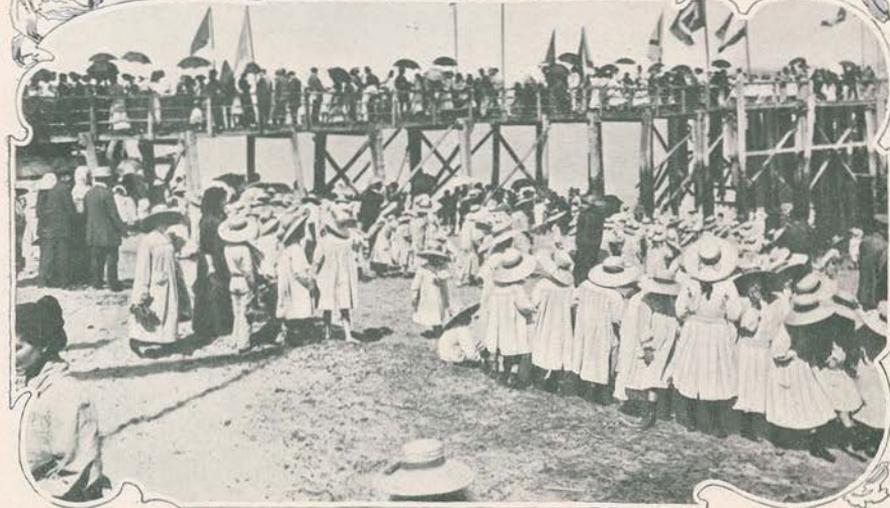


Trafaria e a Algés tomar os seus banhos. E' uma legião; seiscentas ou oitocentas creanças que no lusco fusco das manhãs enchem os barcos, riem, soltam as suas canções á aurora e á brisa matutina, refrescam os pulmões com o bom ar do mar e ao desembarcarem na areia fina da praia a atroam d'alegria. Vigiaadas cuidadosamente, tratadas com o maior carinho, não as deixando affastar-se para o largo, tomando o seu banho por turnos ellas só teem a ganhar com aquelle

passeio matinal, o mergulho, a refeição que se lhe segue distribuída por entre o gorgear da pequenada. A' volta as mesmas manifestações alegres, as mesmas festas até ao desembarque, até que as vemos atravessar as ruas com os seus bibes de riscado, os seus chapéus de palha, cantando as canções escolares n'uma grande confraternização. Devido apenas á boa vontade dos homens que constituíram as juntas parochiaes e que solicitam auxílios dos commerciantes das suas fregrezias vemos bem realísada a iniciativa do *Seculo*. Uns fornecem os riscados para os bibes, outros os chapéus, o leite, as bolachas, o chocolate



que é distribuído na praia, outros as roupas, de banho e com uma tão collectiva caridade se vai continuando essa obra de regeneração da raça. Pouco no fim de contas é para cada um auxiliar na medida das suas forças tão generosa idéa de que bons resultados se teem colhido.



1—Almoçando á sombra, depois do banho 2—O almoço na praia 3—Depois do banho—(Clichés de Benoitel)

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES
BRONCHITES
 são radicalmente **CURADAS**
 PELA

SOLUÇÃO
PAUTAUBERGE
 que dá

PULMÕES ROBUSTOS
 e previne contra a
TUBERCULOSE

Preço PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE
 COURBEVOIE - PARIS
 e em todas as Pharmacias.

COMPANHIA DO
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

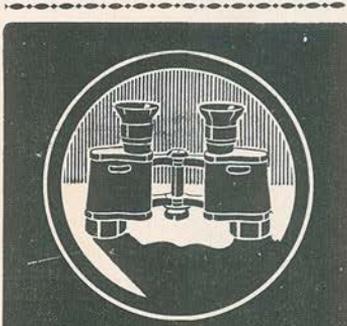
CAPITAL:
 Acções..... 360.000\$000
 Obrigações de 500..... 323.910\$000
 Fundos de reserva e de am-
 ovação..... 266.400\$000
 Réis.... 950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermejo (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
 PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 417.



ZEISS
BINOCULOS

PARA
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)

Berlim—Frankfort s. M.—Hamburgo
 Paris—Vienna—S. Petersburgo
 Londres—Milão

A Seda Suissa
É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

*Duchesse, Voile, Setim flou-
 xivrol, Taffetas, Crêpe de Chi-
 ne, Eolienne, Côtelé, Mous-
 seline,* largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro. *Veludo e Pe-
 luche* para vestidos, blusas etc. assim como *blusas e vest. dos bor-
 dados* em batiste, lã, linho e seda.

Vendedoras as nossas sedas garantidas *directamente aos
 freguezas e francas de porte a
 domicilio.*

Schweizer & C.
 Lucerne E 12 (Suissa)
 Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real



Contra Asthma
 Remedio de Abyssinia Exibard

em Pó, Cigarros. — *Allivio immediato.*
 6, Rue Dombasle, Paris. — Todas Pharmacias.

o mais Artístico dos Perfumes de Suizo
o mais Poderoso dos Perfumes de Suizo

Relique d'Amour

L. LEGRAND
 PARFUMERIE ORIZA
 11 PLACE de LA MADELEINE . PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

MADAME
Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. dá consultas diartas das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.

Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

Para encadernar a
Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percalinte de phantasia para encadernar o **primeiro semestre d'este anno da Ilustração Portuguesa.** Desenho novo de optimo effeito. Preço 3600 reis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespícios respectivos.

Administração do **Seculo**—LISBOA.

Leite Nutricia

Homogenizado, pastorizado,
 ————— esterilizado —————

Leite pastorizado homogenizado

producto delicioso, incomparavel ao leite ordinario. Apresentado em frascos contendo um copo, dose vulgar para uma pessoa ao preço de propaganda de 40 réis na BRAZILEIRA do Rocio e Chiado e na séde, onde se fornece gelado no frigorif-

fico. Este producto tem obtido um successo enorme.

O leite pastorizado

em frascos de 1, 1/2 e 1/4 de litro app. entregue no domicilio, duas vezes ao dia, na seguinte area: Campo Grande, Avenidas Novas, Estephania, Avenida e Baixa. Os frascos são fechados com tampa inviolavel.

NUTRICIA DE LISBOA

229, RUA AUGUSTA, 231 — LISBOA

Telephone 2940

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexecundivel perfeição

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotypia

De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS
 DA

Ilustração Portuguesa

R. DO SECULO,
 43